

Ícones do mistério: a experiência de Deus

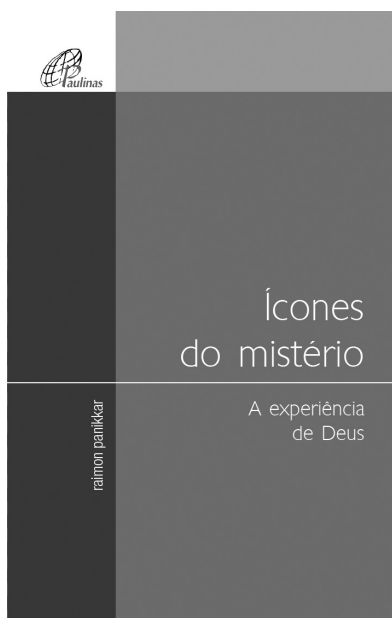
Raimon Panikkar
São Paulo: Paulinas, 2007

Pedro Donizete de Campos¹

A presente obra está desenvolvida em cinco partes, além de um Prefácio e um Epílogo. Este livro é fruto de uma semana de Conferências que o autor, há algum tempo, desenvolveu para professores de Religião no mosteiro beneditino de Silos.

O autor desenvolve suas temáticas centrais como a “impossibilidade” de uma experiência de Deus no sentido mono-teísta e o aprisionamento de Deus em conceitos rígidos e tendenciosos. Só se pode falar de Deus a partir de uma linguagem paradoxal e “oximórica”. O humano é o princípio hermenêutico para se falar de Deus e é o *locus* desta experiência. A distinção entre ícone e imagem é de fundamental importância para se entender a intenção do autor. O Ícone deve apresentar-se como símbolo que envolve a quem contempla. A pessoa humana se abre à transcendência não pela razão, mas pela experiência com este Ícone-símbolo, por meio do que o autor denomina “graça”.

A parte I, “O discurso sobre Deus”, é composta de nove proposições, que quer aprofundar a natureza, o alcance e os limites do falar de Deus. Neste íterim, elas não se destinam a conceituar este *mysterium absconditus*, mas somente a “situar o lugar onde o discurso acerca de Deus possa ter sentido e resultar fecundo, para viver uma vida plena e livre”. p. 30.



¹ Doutorando em Teologia Dogmática na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção/SP.

Pergunta-se, aqui, não sobre a existência de Deus, mas sobre a necessidade de um fundamento e sentido para a vida evidenciando uma preocupação mais mística do que teológica.

A parte II tem como título “A experiência de Deus”. Aqui, o autor, mediante sete capítulos, procura os elementos possíveis para uma possível experiência de Deus. Nos quatro primeiros capítulos, apresenta o seu **princípio fundante** (*silêncio da vida*), a sua **constituição quadridimensional** (*a experiência pura, a memória, a interpretação e sua recepção em um mundo cultural*), o seu **lugar de origem** (*fé, ato de fé, crença*) e o seu **âmbito de inteligibilidade** (*metacosmológico, metaantropológico, metaontológico*). Observações críticas são assinaladas pelo autor quanto a sua constituição quadridimensional, não podendo constituir uma *Mathesis Universalis*; quanto ao lugar de origem, alude à necessidade da Instituição, mas acena os seus perigos. No quinto capítulo, procura descrever a experiência de Deus como uma realidade inefável, não nomeada, possível a partir da própria realidade e fundamento de todas as demais experiências; como realidade ôntica e ontológica, que desnuda a realidade tangencial do ser humano. Os dois últimos capítulos se ocupam em descrever o “como” é possível fazer esta experiência. A resposta situa no caráter iniciático e intransferível da experiência, não a partir de si mesmo, mas sempre a partir de um outro, e por excelência, do Outro, que toma a iniciativa. Assim, a experiência de Deus é sempre possível no genitivo subjetivo e nunca no genitivo objetivo, pois “*não é minha experiência sobre Deus, mas a experiência de Deus – em mim a através de mim – do qual eu sou consciente*”. p. 102.

A parte III se ocupa em dissertar acerca da “Experiência cristã de Deus”. Esta está condicionada a três possíveis visões entre Deus e o mundo, a visão dualista, monista e não-dualista. Esta última é uma visão asiática e, num contexto de diálogo inter-religioso e de visão pluralista, “*sugere uma imagem mais plena da Trindade. Deus não é nem o Mesmo (monismo), nem o Outro (dualismo). Deus é um pólo da realidade, um pólo constitutivo; silêncio, portanto, inefável em si, mas que fala em nós...*” p. 111, uma vez que os próprios dogmas cristãos não são dualistas. Sugere de forma enfática, para uma acessibilidade à experiência de Deus, a volta ao que denomina “*cristiania*” em contraposição a “*cristandade*” e “*cristianismo*”.

Propõe um “*ecumenismo ecumênico*” e a necessidade de uma “*interculturalidade*”, uma metodologia especial para a compreensão das múltiplas

tradições religiosas. Acena ainda para dois grandes desafios de que a teologia do terceiro milênio terá que se ocupar. O primeiro, quanto ao significado que, até agora, a Trindade teve na vida espiritual da maioria dos cristãos (p. 116) e o segundo que consiste em “*superar uma cristologia tribal por meio de uma cristofania que permita aos cristãos reconhecer a obra de Cristo em todas as partes, sem a pretensão de monopolizar esse mistério*”. p. 130. Para tanto, propõe a superação de uma dupla mentalidade: a semita e a helenística, ou seja, a “*des-helenização*” do cristianismo e a “*des-hebraização*” da mensagem de Cristo.

A experiência de Deus não pode estar presa a nenhum rigorismo racional. Ela se dá no tempo e à semelhança da experiência de Cristo com o Pai, deve tornar o ser humano transparente. A experiência de Cristo não pode ser outra que a experiência crística dos outros. Assim, a parte IV é um convite a uma experiência de Deus como “*alter*” e não como “*aliud*”. O autor, a partir de nove *locus* (o amor, o tu, a alegria, o sofrimento, o mal, o perdão, os momentos cruciais da vida, a natureza e o silêncio), a partir de uma perspectiva pluralista, que conjuga as tradições cristã e hinduísta, não pretende contar uma experiência, mas descrever lugares e atentar para uma questão salutar: mesmo Deus estando em todo lugar e ser simples, não pode ser encontrado de qualquer forma. A “Pureza de coração” é a condição *sine qua non* para a realização desta experiência com este *mysterium absconditus*.

APRECIÇÃO:

Raimon Panikkar, pelo fato de ser filho de mãe catalã e de pai hindu, propiciou o encontro entre oriente e ocidente. Com uma abordagem multidimensional e uma linguagem pluralista e aberta, oferece neste título **Ícones do mistério: a experiência de Deus** um valioso itinerário de matiz pluralista – Cristã e Hindu –, para uma autêntica e construtiva experiência de Deus, não a partir de conceitos ou teorias, mas a partir do próprio homem como realidade integrada e como o *locus* irrenunciável da manifestação do divino.

Contudo, por forjar o seu pensamento a partir do paradigma pluralista e por enfrentar temas de fronteiras, não se pode eximi-lo de algumas observações referentes a questões e posicionamentos heterodoxos presentes nesta obra, que, em tese, estariam em desarmonia com a ortodoxia cristã,

como as afirmações de que “Cristo não se esgota em Jesus” (p. 11) e ainda “... não confundamos Jesus com Cristo (...) Porém esse Cristo não é idêntico a Jesus (...) Jesus é histórico, e a história não pode ser escamoteada. Cristo é trans-histórico, e a realidade não pode ser cerceada reduzindo-a à história”, p. 122-23. O autor parece contrapor e dicotomizar Jesus de Cristo, como sendo duas realidades ou “pessoas” distintas, contrariando o que de forma categórica se afirmou no Concílio de Calcedônia: “se deve confessar um só e mesmo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito em Sua divindade e perfeito em Sua humanidade (...) que se deve reconhecer um só e mesmo Cristo Senhor, Filho Unigênito, em duas naturezas, sem confusão, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis, de nenhum modo suprimida a diferença das naturezas por causa da união, mas salvaguardada a Propriedade de cada natureza e confluindo numa só Pessoa (...) mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus-Verbo, Senhor Jesus Cristo...”.²

Ou ainda, “A descoberta do Deus trino cristão, que não é o Deus monoteísta judeu”, p. 117, parece estar em consonância com Marcião e o maniqueísmo. O autor ainda parece contrapor o conceito de Trindade ao de monoteísmo, preterindo o primeiro em descaso do segundo, como afirma: “A Trindade não convinha ao Império Cristão. A Teocracia se compagina melhor com o monoteísmo”, p. 118. Contudo, não se pode deixar de mencionar sua grata iniciativa de diálogo, de criar pontes onde ainda existem muitos abismos.

² Cf. *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, Ed. E. Schwartz, Berolini-Lipsiae, 1914-1940. 2/12, 129-130[325-326]. In COLLANTES, J. *A Fé Católica*, Rio de Janeiro: Ed. Lumen Christi, n. 4.017, p. 303-304.